

## BREVE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO SOCIAL DO FENÔMENO ESPORTE<sup>1</sup>

Giovani de Lorenzi Pires\*

---

**RESUMO.** O presente texto insere-se na vertente da **sociologia crítica**, objetivando proporcionar breve introdução ao estudo dos processos sociais que, ao longo de quase duzentos anos, se apropriaram do fenômeno esportivo moderno. Situando seu surgimento como resultante da aliança entre a aristocracia e a burguesia emergente pós-revolução industrial inglesa, propõe um **olhar dialético** para perceber como tais processos foram conferindo determinadas características ao esporte, segundo os **interesses de classe**. Apontam-se abordagens em que estes interesses podem ser claramente identificados (**funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização do esporte**) visando promover reflexão sobre cada recorte específico, sem perder de vista a interpenetração destes processos. Conclui-se sugerindo que a educação física adote o esporte como um dos seus **objetos de estudo**, a partir de **perspectiva interdisciplinar e dialógica de produção de conhecimento sobre a cultura esportiva**.

**Palavras-chaves:** sociologia crítica, esporte, educação física.

## A BRIEF INTRODUCTION TO THE STUDY OF THE PROCESSES OF SPORT PHENOMENON SOCIAL APPROPRIATION

**ABSTRACT.** This article deals with critical sociology aiming to offer a brief introduction to the study of social processes which along the last 200 years have appropriated modern sport phenomenon. As a result of the alliance between aristocracy and post-industrial revolution emergent bourgeoisie, critical sociology through dialectic has endeavored to perceive how such processes have been bestowing certain characteristics to sport according to class interests. Approaches in which these interests are clearly identifiable are specially emphasized in order to promote a reflection on each specific profile regarding the interaction of these processes. Finally it is suggested that physical education may adopt sport as one of its study objects on sport culture from an interdisciplinary and dialogical perspective of knowledge production.

**Key words:** critical sociology, sport, physical education.

---

---

<sup>1</sup> Texto-didático elaborado para servir como subsídio ao Curso de Sociologia do Esporte, ministrado na XVII Semana Acadêmica da Educação Física, promoção do Diretório Acadêmico da Esef/UFPEL, em Pelotas/RS (outubro/95). Para esta publicação manteve-se basicamente a redação original, acrescentando-se notas com sugestões de bibliografias a serem consultadas para aprofundamento do tema.

\* Professor Assistente do Departamento de Educação Física/Centro de Desportos/UFSC e integrante do Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física (Nepef/UFSC). Atualmente, é aluno de doutoramento em Ciências do Esporte na FEF/Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Aguinaldo Gonçalves.

**Endereço para correspondência:** DEF/CDS, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Universitário, Bairro Trindade. CEP: 88.040-900. Florianópolis, Santa Catarina. Telefone: (048) 228-0878. E-mail: <[giovani@cds.ufsc.br](mailto:giovani@cds.ufsc.br)>.

## ESCLARECIMENTOS PRÉVIOS COMO INTRODUÇÃO

Compreendido o processo histórico de surgimento/desenvolvimento do esporte moderno, numa perspectiva de descontinuidade adotada por Bracht (1989), a partir do sistema esportivo inglês e, posteriormente, expandido através do Movimento Olímpico Internacional (unidade anterior do curso), podemos agora examinar as relações que se estabeleceram/estabelecem entre o esporte e a sociedade ao longo destes quase duzentos anos.

Neste texto didático, iremos centrar nossa atenção na tentativa de aproximação aos processos de apropriação ou de **aparelhamento** das manifestações da cultura esportiva, de que se utilizam determinadas parcelas dominantes da sociedade, a fim de atender a **interesses** que são hegemônicos no seu interior. A natureza destes processos e os objetivos implícitos neles fizeram com que o esporte inglês, inicialmente um passatempo desinteressado e gratuito da aristocracia e da burguesia industrial emergente (Elias, 1992 e Hobsbawn, 1988), viesse a se transformar num poderoso instrumento de difusão de normas e valores destinados a manter o *status quo* destas mesmas classes dirigentes.

Todavia, é importante observarmos, inicialmente, alguns aspectos intercorrentes e que precisam estar presentes ao longo deste texto, permeando todas as nossas reflexões. Um deles é que o esporte é um fenômeno socialmente determinado, cuja manifestação ocorre no âmbito da sociedade moderna. Ressalte-se, porém, que, embora a abrangência e autonomia do esporte sejam delimitadas pela sociedade, a via de influência dos interesses ali expressos é, sem dúvida, de **mão-dupla**. Com isto, estamos afirmando que é preciso estarmos atentos também para as interferências inesperadas ou não previstas que o esporte exerce sobre a sociedade, determinando novas adaptações sociais. Podemos citar, como exemplo, o fenômeno da violência<sup>2</sup> nos estádios de futebol, que é reflexo da violência presente

na própria sociedade, a qual, por sua magnitude e conseqüente perda da identidade individual (características das ações de **massa**), está sendo obrigada a sociedade a buscar meios de controlá-la, ainda que, hipocritamente, não admita estar nela mesma, sociedade, as causas primeiras de tal fenômeno.

Outro fator a ser evidenciado é quanto à natureza dialética de como acontecem os processos de apropriação/aparelhamento do esporte por conta dos interesses dominantes da sociedade. É necessária uma leitura não linear da história das relações entre esporte e sociedade, para entendermos a presença constante destes processos (todos ou parte deles). Em outras palavras: embora em alguns momentos históricos, um ou outro interesse seja mais visível e facilmente percebido, não significa que outros tenham sido suplantados e possam ser desprezados. Até porque a ideologia dominante se constrói, precisamente, da combinação de interesses comuns que determinam as ações mais convenientes ou necessárias para a sua implantação/consolidação.

Feitas estas ressalvas, podemos, a seguir, nomear e discorrer sobre cada um dos processos a que estamos nos referindo: **a funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização** do esporte.

## O PROCESSO DE FUNCIONALIZAÇÃO DO ESPORTE

Na crítica social do esporte, o seu papel funcionalista<sup>3</sup>, isto é, **a utilização do esporte como estratégia para a busca de eficácia e produtividade no trabalho**, tem estado sempre presente. Várias são as abordagens possíveis, passando pela divisão e hierarquização das tarefas esportivas (e laborais), pela mecanização e automatização dos gestos motores, pelo controle e ocupação do tempo livre do trabalhador com atividades esportivas, a fim de garantir sua integridade física (leia-se: produtividade), entre outras.

<sup>2</sup> Tema recorrente em textos de Norbert Elias, Eric Dunning, Patrick Murphy e John Willians, em Elias (já citado).

<sup>3</sup> Este e vários outros temas aqui tratados são abordados com maior profundidade por Valter Bracht em seu mais recente livro (Bracht, 1997), obra há muito tempo aguardada pela comunidade das Ciências do Esporte brasileira.

Mostrando o caráter idealista de vários autores consultados (Hegel, Spencer e Diem), que percebiam no esporte uma manifestação ingênua semelhante ao **jogo**, Vinnai (1986) afirma que a lógica do aparato de produção do modo capitalista funda-se em categorias que podem ser aprendidas e treinadas no esporte: maximização do rendimento, minimização dos gastos, adequação do homem à função (coisificação) etc. Este autor, utilizando-se do futebol como exemplo, demonstra que o atleta/trabalhador precisa atender a estas exigências funcionais, devendo estar adaptado/instrumentalizado para render sempre o máximo, como condição para manter-se na equipe/emprego. Para tanto, deve evitar gastos energéticos desnecessários e proceder disciplinadamente, da maneira que o sistema tático/organização fabril preconiza, sendo necessário um processo de treino, através de repetições, para que as ações se tornem automatizadas e eficazes. Além disso, em nome de um interesse dito “coletivo”, que se sobrepõe ao individual, é-lhe cerceada a criatividade e a liberdade para agir em ritmo e interesses próprios. Com isto, o mundo do esporte “prepara” para a alienação do **trabalho humano** (na perspectiva marxista), condição necessária ao mundo do **trabalho produtivo** (no sentido capitalista).

Outro aspecto significativo desta relação do esporte com o trabalho, mais especificamente no que se refere ao sistema capitalista, regido pela lógica do mercado, é o que aponta para a semelhança, entre ambos, dos princípios sobre os quais se fundamentam as relações humanas, tanto no esporte como no trabalho: **os princípios da competição e das comparações objetivas** (Kunz, 1991). Quanto ao primeiro, o da competição, o esporte representa uma espécie de racionalização da competitividade moralmente aceita, ao contrário daquela presente no campo econômico, onde os procedimentos de disputa nem sempre são éticos, ainda que, muitas vezes, legais do ponto de vista da ótica do mercado e da legislação burguesa. Por exemplo, operações como a criação de monopólios na produção de matérias-primas, que inviabilizam empresas de menor porte e impedem o desenvolvimento da livre concorrência (propalada base do sistema liberal/neoliberal), parecem ser muito mais

condenáveis, do ponto de vista moral, do que a “catimba” de um atleta que consegue, através de encenações, a expulsão de um adversário, o que enfraquece a outra equipe em benefício da sua.

Imbricado a isso, evidencia-se o princípio das comparações objetivas, diretamente ligado a outro princípio fundante do liberalismo, o de que todos são iguais e têm as mesmas possibilidades de vencer. Por essa lógica, está garantida uma certa **justiça** e **inquestionabilidade** nos resultados obtidos. Esta é uma das razões para a uniformização das regras das modalidades esportivas chamadas olímpicas em qualquer parte do mundo – uma outra razão é a óbvia necessidade de expansão do movimento esportivo. Como a quantificação do resultado é o que efetivamente vale, as desigualdades de toda ordem (física, financeira, social etc.), ainda que sejam variáveis determinantes, são desconsideradas. O mesmo pressuposto vale para o âmbito do trabalho, onde teria maior progresso (ou melhor adaptação?) aquele que fosse mais brilhante e/ou que mais se dedicasse ao trabalho, uma vez que, pela tese liberal, ele teria, inicialmente, as mesmas **condições** dos demais trabalhadores. Aqui também não são observadas as situações anteriores, que pré-condicionam ao sucesso ou ao fracasso, como patrimônio cultural, relações interpessoais de influência, preconceitos raciais etc.

Concluindo este bloco, poderíamos ainda fazer referência a dois aspectos que nos mostram as relações bastante próximas entre esporte e trabalho na sociedade contemporânea. Primeiro, **a própria profissionalização do esporte de rendimento**, que faz que o mundo do esporte e o do trabalho, ao menos para os trabalhadores deste setor (atletas, técnicos, dirigentes, e outros), transformem-se efetivamente em um só. Além de alterar profundamente as relações destes profissionais entre si, gerando competitividade mais exacerbada externa e internamente à equipe, em razão de resultados que significam melhores recompensas financeiras, a consolidação de um mercado de trabalho que paga regiamente seus ídolos (ainda que a imensa maioria seja constituída de proletários do esporte) faz que o esporte passe a representar uma possibilidade de **mobilidade social**, provocando em muitos jovens de classes desfavorecidas uma busca por ascensão vertical

rápida, na hierarquia social, através da profissionalização em esportes cujo acesso é, aparentemente, mais democrático, como o futebol.

Já o outro aspecto é bastante discutido entre nós (e criticado por Cavalcanti, 1984; e Marcellino, 1987): o **processo funcionalista de compensação**, tanto do desgaste físico quanto das frustrações psicológicas no trabalho, mediado pelo **esporte de tempo livre ou atividades de lazer**. Mais do que simplesmente repor energias e reanimar psicologicamente para o trabalho, essas atividades exercem o papel de controladoras do tempo livre dos trabalhadores, ocupando-lhes com ações que garantam, em última análise, a continuação da subordinação e da produtividade de seus empregados. Através de organizações constituídas para este fim (Sesi, Sesc, Sindicatos “pelegos”), as empresas proporcionam (investem em) lazer para os trabalhadores, que ainda lhes ficam agradecidos por isto, respondendo com maior dedicação e empenho no trabalho.

### O PROCESSO DE SOCIABILIZAÇÃO PELO ESPORTE

As regras de convivência e de intervenção sociais são construídas a partir de interesses específicos das classes dominantes, isto é, representam os limites dentro dos quais os indivíduos de uma sociedade ou grupo podem estabelecer relações pessoais, comerciais, políticas etc., sem que isso venha atentar contra determinados valores que garantem a manutenção dos privilégios dessas classes. A **conservação** dos estratos sociais se baseia no princípio de que a divisão entre as classes que compõem a sociedade é justa e “natural”, devendo ser mantida. Para tanto, são privilegiados alguns espaços de aprendizagem das regras sociais e da obediência a elas, como forma de preparação do cidadão para sua inserção passiva na sociedade. Ao lado da própria família, da escola e dos meios de comunicação de massa, o esporte<sup>4</sup> é um **centro de excelência** para essa “educação”.

Desde a sua origem entre as classes privilegiadas da burguesia inglesa, o esporte sempre objetivou desenvolver aspectos normativos de conduta nos jovens estudantes das *public-schools*. O incentivo à ação coletiva, o respeito ao adversário, o jogo limpo (*fair-play*) foram traços demarcados pelo sistema esportivo inglês e que, em tese, acompanham o esporte até nossos dias. No mundo do esporte, aprende-se que a vitória do outro não deve ser questionada (ela é sempre justa, por princípio); que a fixação rígida de regras é necessária para mediar as relações de disputa, a fim de evitar excessos, mesmo que isso sirva também para garantir privilégios, que a autoridade hierárquica (juízes, dirigentes, técnicos) deve ser obedecida, ainda que se não se concorde com seus atos. Enfim, estas **lições**, se bem aprendidas, garantirão um relacionamento **harmonioso** do cidadão no seu grupo social, **conformado** diante das injustas diferenças, **crente** de que o “bem sempre vence!”.

Isso implica ainda certa ingenuidade, que faz florescerem atitudes demagógicas dos representantes das classes dirigentes, como o **paternalismo e o populismo** (DaMatta *et al.*, 1982), que tem seu representante no mundo do esporte na figura do “cartola” e que se confunde na sociedade com o político que faz o gênero “descamisado”. A identificação das pessoas menos esclarecidas com este tipo de atitude, aliada à idolatria conquistada pelo cartola às custas do clube esportivo (a quem, “desinteressadamente”, ajuda!), termina por sobrepor uma figura à outra, não sendo poucos os exemplos de dirigentes esportivos que transformam-se em políticos profissionais, perpetuando-se no poder, tanto no clube como em cargos eletivos principalmente nos poderes legislativos.

Outra “contribuição” do esporte se refere à compreensão/incorporação dos papéis sociais, quanto à **definição dos estereótipos sexuais entre adolescentes e jovens**. Existe uma evidente relação entre determinados esportes e o padrão de gênero de quem os pratica. Em países como o nosso, cuja origem latina deixou-nos como herança um forte sentimento machista, preservado principalmente nos Estados do Sul,

<sup>4</sup> Os efeitos do esporte sobre o comportamento social é um tema tratado por Magnane (1969).

existem esportes que carregam um preconceito característico que os distingue em esportes para homens e esportes para mulheres. Ainda que se possa perceber algumas tentativas bem sucedidas de superação deste sentimento, como é o caso recente do futebol feminino e, há duas décadas, do voleibol masculino, ainda permanecem quase intactos os preconceitos com a dança em relação aos meninos e com as lutas, em relação às meninas.

Bracht (1992:59), resume bem o processo de sociabilização através do esporte:

*(...) pelas regras das competições, o esporte imprime no comportamento as normas desejadas da competição e da concorrência (Parlebas, 1980); as condições do esporte organizado ou de rendimento são simultaneamente as condições de uma sociedade de estruturação autoritária (Weigelt apud Dietrich, 1975); o ensino dos esportes nas escolas enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, e dá a estas um caráter estático e inquestionável, o que não leva à reflexão e ao questionamento, mas sim ao acomodamento, na linguagem de Weis (1979), forja um 'conformista feliz e eficiente'; o aprender as regras significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas.*

Ainda segundo Bracht, esse não é um processo “neutro”, pois reproduz os valores dominantes na sociedade, isto é, os valores das classes dominantes. Assim, **podemos dizer que a socialização através do esporte pode ser considerada uma forma de controle social** (p. 61).

### O PROCESSO DE IDEOLOGIZAÇÃO DO ESPORTE

Ainda que seja bastante difícil precisar quando exatamente se percebeu o **potencial político-ideológico do esporte**, existe uma série de momentos da sua história onde esta ideologização se torna mais evidente. Talvez fosse mais correto afirmar que o próprio processo de expansão do modelo esportivo

inglês, através das missões comerciais e evangelizadoras na África e na América e do movimento olímpico de Coubertin, já se constituía em evento onde, junto com a divulgação da doutrina esportiva, propalavam-se os valores ideológicos do liberalismo e do modo de produção capitalista.

De todo o modo, é consenso que um dos primeiros fatos que caracteriza esta **utilização do esporte como veículo de propaganda ideológica** refere-se à Olimpíada de Berlim, em 1936, cujo cenário foi forjado para que Hitler pudesse provar ao mundo sua tese quanto à supremacia da raça ariana. Depois disso, é na década de 50, com o desenvolvimento do que se chamou Guerra Fria entre americanos e soviéticos, líderes dos dois blocos consolidados após a II Guerra Mundial (capitalismo x comunismo), que o esporte assumiu mais concretamente uma conotação ideologizada. Do mútuo entendimento de que um confronto bélico direto entre estas potências mundiais resultaria na destruição da espécie humana, por conta dos respectivos potenciais atômicos, foi no terreno esportivo que ambos se enfrentaram e construíram suas vitórias. Uma medalha olímpica significava a confirmação da supremacia deste ou daquele regime. Investimentos científicos foram feitos, buscando obter super-atletas capazes de levar para o *pódium* o sucesso desta ou daquela forma de produção. É importante ressaltar que, contraditoriamente, nesse jogo ideológico, houve inquestionável subordinação da experiência comunista à lógica e às regras competitivistas da economia de mercado que se refletem no esporte.

Permanecendo ao **nível do esporte olímpico**, poderíamos ainda lembrar os lamentáveis incidentes étnicos entre comandos palestinos e atletas israelenses, nos Jogos de Munique (1972), como também os boicotes americano e soviético, respectivamente, em Moscou/80 e Los Angeles/84. Ou ainda citar a longa proibição de competições envolvendo atletas da África do Sul, por parte de quase todas as federações esportivas mundiais, em função do regime de *apartheid* da minoria branca. Todavia, pensamos que o mais indicado seja uma leitura atenta da obra dos jornalistas ingleses Simson e Jennings (1992).

Chegando à análise do uso ideológico do esporte em **âmbito nacional**, vale lembrar a utilização do nosso tri-campeonato de futebol, no México, em 1970, para desviar a atenção do povo brasileiro das atrocidades da ditadura militar e forjar uma coesão nacional, na famosa “corrente” do “... prá frente Brasil, salve a seleção”! Para que não se acuse apenas os governos militares de usarem o esporte (no caso, o esporte nacional, o futebol) como cortina para interesses nem sempre pronunciáveis, pode-se destacar a coincidência (será ?) entre a realização das últimas Copas do Mundo e a aplicação de Planos Econômicos que esconderam a inflação real e achataram salários dos trabalhadores: México/86 e o Plano Cruzado; Itália/90 e o Plano Collor; EUA/94 e o Plano Real!

Pela leitura até aqui empreendida pode ser até redundância, mas o potencial ideológico do esporte é tal que, nos países desenvolvidos/industrializados, durante o período da Guerra Fria, e até agora, em quase todos os países subdesenvolvidos e/ou de desenvolvimento dependente, **o esporte tem sido assunto de Estado**, isto é, tem ficado sob a tutela institucional dos Governos. O sistema esportivo desses países tem sobrevivido graças ao patrocínio estatal que, em troca, exerce um controle seguro, mas nem sempre explícito, das relações sociais mediadas pelo esporte. Se observarmos o Brasil, para ficarmos apenas em um exemplo, podemos perguntar: quem, na verdade, mantém o vôlei masculino brasileiro, se não o próprio Estado, através do patrocínio do Banco do Brasil?

Retornando ao processo de socialização através do esporte, que analisamos anteriormente, podemos perceber também ali os interesses ideológicos, pois todas as ações implementadas, que partem de estruturas de valores já instituídos, veiculam, implicitamente, uma concepção conservadora e autoritária de

sociedade, visando à sua manutenção, e mais do que isso, à manutenção de privilégios para poucos, em detrimento da grande maioria que é ingenuamente manipulada.

Em síntese, e parafraseando o educador Moacir Gadotti (1983), podemos afirmar que, se o esporte, algum dia, esqueceu a política, esta, entretanto, nunca o esqueceu! Enquanto fenômeno de massa, com forte apelo social, o esporte foi, é e sempre será um prato-servido para interesses políticos-ideológicos. Desconhecer ou negar isso é mais do que negar o óbvio: é negar-se enquanto cidadão e educador! Por outro lado, negar o esporte por conta do seu potencial ideológico potencial (equivoco cometido pela Educação Física brasileira nos anos 80) é ser ingênuo a ponto de pensar uma sociedade sem esporte! Desvelar estes interesses ideológicos, resgatando outros papéis sociais possíveis ao esporte, seja como conteúdo escolar<sup>5</sup>, seja enquanto opção de lazer, é tarefa do profissional de educação física. Para tanto, ele deve valer-se de uma leitura crítica da realidade social mediada pelo esporte, onde a Sociologia em muito pode contribuir<sup>6</sup>.

### O PROCESSO DE MERCADORIZAÇÃO DO ESPORTE

O fracasso do chamado comunismo real na União Soviética, como consequência da incapacidade do regime de economia centralizada em atender as necessidades/interesses de desenvolvimento das repúblicas que a compunham, permitiu que aflorasse com maior liberdade **o processo de mercadorização do esporte espetáculo**, até então submetido a uma preocupação mais ideológica: infringir derrotas ao adversário político! Isto não significa que a transformação do esporte em mercadoria só tenha acontecido após a queda do Muro de Berlim. Ocorre que, a partir daí, a “ameaça” que o comunismo

<sup>5</sup> O papel educativo do esporte como conteúdo da Educação Física escolar tem sido amplamente referido. Apenas para citar, existe a obra já clássica de Belbenoit (1976) e uma proposta de sua transformação didática (Kunz, 1994). Recentemente, Vago (1996) retomou, com lúcido e fundamentado otimismo, tal possibilidade, ao perspectivar a produção de uma cultura escolar de esporte.

<sup>6</sup> Merecem ser destacadas as contribuições trazidas desta área para a educação física/ciências do esporte por Mauro Betti. Seu primeiro livro (Betti, 1991) apresenta abordagem sociológica do esporte a partir de um modelo sistêmico. Em sua tese de doutoramento (Betti, 1997), emprega a hermenêutica crítica de Paul Ricoeur para interpretar o “discurso televisivo” sobre esporte.

representava foi substituída por uma maior liberdade dos dirigentes para planejar a atividade esportiva de rendimento direcionada para o consumo, reduzindo a preocupação político-ideológica com a segurança internacional (não desconhecendo esse mesmo caráter político-ideológico na lógica do mercado!). Por outro lado, o ingresso no mercado de grandes conglomerados industriais asiáticos, detentores de uma filosofia agressiva de *marketing*, originou a busca de estratégias mais eficientes de divulgação dos produtos ligados ao esporte espetáculo, resultando na massificação desta manifestação nos meios de comunicação e gerando uma cultura esportiva hegemônica, baseada na sua capacidade de venda: a mercadorização do esporte.

Para entendermos como se dá este processo, podemos nos apoiar no estudo desenvolvido por Souza (1991). A partir de uma análise econômica, tendo como referencial teórico o Materialismo Histórico, sua pesquisa visa a contextualizar a transformação do esporte, de manifestação cultural em mercadoria com valor-de-troca. Este processo, inicialmente, implica a profissionalização hierarquizada do esporte, gerando duas classes: a dos diretamente envolvidos, isto é, que “fazem” o esporte enquanto mercadoria para consumo, e a dos indiretamente envolvidos, ou seja, aqueles que “pensam” a mercadoria esporte. Entre os primeiros, iremos encontrar, preponderantemente, atletas, técnicos e árbitros, atores sociais do espetáculo, que ocupam o palco com os papéis tradicionais. Deles se espera uma performance capaz de despertar a atenção dos **consumidores**, condição a que foram conduzidos os espectadores do esporte. Mediando esta relação produtor-consumidor, surge a outra categoria de profissionais, especialistas encarregados de prover o espetáculo das condições favoráveis ao seu consumo. Entre estes profissionais, situam-se médicos, psicólogos, administradores, jornalistas e outros, ocupações estas acrescidas de uma nova qualidade: **esportivos**.

Decorre daí um aumento no volume do capital empregado para financiar o esporte, o que requer um retorno ampliado (mais lucro) aos proprietários do capital investido, empresários que se utilizam do esporte como mercadoria e

vetor de divulgação dos seus produtos e serviços. A alternativa é multiplicar o número de consumidores/espectadores do esporte mercadorizado, até então restrito aos que o consumiam diretamente, no próprio local de produção (ginásio, estádio, velódromo etc.). A mediação passa a ser realizada pelos meios eletrônicos de comunicação (especialmente a televisão), o que exige a presença de novos especialistas em produzir o evento de forma a obter este pretendido aumento no número de consumidores/espectadores: o *mass media* de *marketing* esportivo, que passa a “pensar” o esporte como uma mercadoria simbólica, cuja imagem (movimentos corporais humanos, emoções, valores sociais e ideológicos) precisa vender, ainda, a “necessidade” de consumo dos produtos disponibilizados.

Quanto mais se aumenta a necessidade de financiamento do esporte, mais profissionais especializados entram no mercado e maior precisa ser a capacidade de difusão do veículo de venda deste esporte (a televisão). Com auxílio da tecnologia posta a serviço do capital, criam-se as redes internacionais de televisão a cabo e por satélite, que se especializam neste novo segmento de mercado. Para não ficarem fora da disputa pelo consumidor, as redes convencionais se obrigam a abrir maiores espaços para os noticiários esportivos em suas grades de programação, gerando uma gigantesca cobertura internacional do esporte e atraindo novos investimentos.

Além de ampliar o capital aplicado e o volume de consumidores envolvidos, a venda do esporte-mercadoria pelos meios de comunicação de massa termina por despertar a cobiça dos dirigentes das federações esportivas, aliados ao Comitê Olímpico Internacional que, como instituições responsáveis pela organização dos grandes eventos internacionais (Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos), passam a exigir a sua parcela nos lucros desta nova mercadoria. Também interessados nesta comercialização, os governos dos países industrializados percebem-no como fator de equilíbrio social interno, já que o aumento do consumo internacional dos seus produtos, via esporte, reflete-se sobre os níveis da produção industrial, garantindo empregos e estabilidade econômica (ver Simson e Jennings, *op. cit.*). Tais interesses vêm se agregar à

conotação político-ideológica que faz do esporte, como já dissemos, uma questão de Estado.

Com isso, em torno do complexo **esporte/mercadoria x espectadores/consumidores, fecha-se um círculo que irmana a indústria da comunicação de massa, o capital internacional, o sistema esportivo mundial e os governos dos países industrializados.** Dele resulta uma tendência de **homogeneização da cultura esportiva**, que se torna hegemônica e, por isso, determinante das demais dimensões do esporte, seja nas atividades de tempo livre, seja na aplicação educacional do esporte. Ao invés de sufocar a manifestação dessas outras dimensões, o esporte mercadorizado as promove, por serem, também, possibilidades concretas de consolidação deste mercado, operado através de dois mecanismos: a) o **consumo indireto de produtos**, via produção de “necessidades” decorrentes das especialidades do esporte (tênis, roupas, rações, equipamentos etc.); b) a **familiarização às diversas modalidades esportivas** (uma educação para o esporte?), a fim de ampliar o consumo *per capita* desta mercadoria.

O que se percebe mais recentemente é que, para se manter eficaz como veículo de divulgação comercial, o esporte experimenta um novo processo que lhe garante o aumento e a potencialização dos seus atributos de apelo comercial, analisado a seguir.

### O PROCESSO DE ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE

Consolidado como um elemento da cultura e economia globalizadas e sendo hoje organizado para ser difundido prioritariamente pelos meios de comunicação eletrônica<sup>7</sup>, o esporte mercadorizado precisou ainda espetacularizar-se, ou seja, adotar a linguagem visual da televisão,

de modo que a mensagem publicitária veiculada por seu intermédio seja sempre e cada vez mais contundente. Só assim serão mantidos e ampliados os níveis de lucro (valor-de-troca) representados pela mercadoria, garantindo a estabilidade do sistema criado em torno.

Para tanto, o esporte admite proceder mudanças estruturais, de modo a tornar-se mais adequado ao veículo e atraente ao mercado consumidor mediado pela indústria midiática. Podemos citar algumas destas alterações, a fim de, pelo exemplo, introduzirmos a discussão:

- a) as mudanças de regras nos esportes coletivos, visando a aumentar o dinamismo da disputa, a reduzir o tempo “morto” e o tempo total do jogo, numa adequação ao “formato” do espetáculo televisivo;
- b) a introdução de paradas estratégicas no decorrer dos tempos de disputa (“tempo técnico”), a fim de que possam ser veiculadas mensagens comerciais dos patrocinadores;
- c) o convívio de sistemas esportivos paralelos às federações e às confederações (as Ligas), possibilitando ampliar o número de espetáculos oferecidos e garantir-lhes maior qualidade técnica<sup>8</sup>;

Percebe-se, ainda, que o processo de espetacularização do esporte midiático implica o oferecimento de atrações complementares, para além da disputa esportiva propriamente dita, como sorteios e concursos de prognósticos. A fim de que a imagem difundida seja agradável e cativante (“espetacular”), são desenvolvidas estratégias destinadas a fixar a atenção dos telespectadores/consumidores, como a colocação de câmeras em locais anteriormente impensáveis e proibidos, a uniformização e movimentações coordenadas das torcidas (não estaria incluída aí a promoção da violência dos torcedores, cansativamente repetida?), a promoção e rápida substituição de ídolos que interagem até mesmo eletronicamente com a torcida (**com qual número deve jogar**

<sup>7</sup> Em textos mais recentes, procurei aprofundar a discussão sobre as consequências desta mediação do esporte pela mídia eletrônica. Ver, por exemplo: Pires, Giovanni. Globalização, cultura esportiva e educação física. *In: Motrivivência*, (10):26-43, dez., 1997). Aliás, esta edição da revista editada pelo Nepef/UFSC apresenta vários artigos a respeito do tema. Há também textos muito interessantes na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 17(3), maio, 1996, cuja temática é esporte, comunicação e mídia.

<sup>8</sup> Nas Ligas, o critério de inclusão/permanência é a qualidade técnica; pelo contrário, nas federações, o procedimento seletivo é de acesso/descenso, base do princípio associativo e da chamada pirâmide do sistema esportivo.

**Romário, na sua volta ao Flamengo? Ligue número tal, se você achar que...),** entre tantas outras.

Além disto, na busca de aumentar seus lucros, os clubes e as federações programam cada vez mais jogos e torneios, até mesmo sobrepostos, patrocinados pela associação entre os empresários e as grandes redes de TV, ampliando, assim, a oferta de espetáculos esportivos em horários e locais não convencionais, que pretendem atrair novos consumidores e aproveitar melhor os mercados tradicionais, sob o manto de uma alegada modernização<sup>9</sup>. Apesar dos evidentes prejuízos físicos e técnicos a que são levados os atletas, nem mesmo estes reclamam muito, pois conseguem com isso obter algumas sobras das gigantescas verbas que dão direção aos este espetáculos.

Concluindo este tópico, citamos Silva (1994) que, referindo-se à espetacularização do esporte, entende que o processo midiático pode alterar a percepção de quem assiste a ele pela televisão:

*O consumidor (espectador), por sua vez, tem não só o seu gosto manipulado pela influência do mercado, mas também sua própria capacidade perceptiva alterada (...) A imagem que um espectador tem das arquibancadas é global e submetida a sua própria vontade. Já a do telespectador é parcial e dependente de outros. A subdivisão das imagens, imposta pela própria técnica de reprodução do espetáculo, é um componente fundamental que independe da vontade do telespectador e foge da sua capacidade de alterar a situação, reforçando a passividade que se expande gradativamente (p. 33).*

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS COMO CONVITE À REFLEXÃO

Parece-nos claro que se evidencia a importância atribuída ao esporte como

instituição, ao mesmo tempo normatizada e normatizadora de interesses hegemônicos da sociedade. Assim, não pode mais a Educação Física, enquanto campo de conhecimento, ficar limitada ao ensino de enfoques técnicos/táticos do esporte. Para além das suas aplicações práticas na forma competitiva ou como conteúdo pedagógico, seja na escola ou fora dela, o esporte precisa converter-se em um dos nossos **objetos de estudo**, espaço onde as diversas abordagens possíveis para a construção de um conhecimento específico, que amplie o entendimento acerca deste fenômeno social, venham a dialogar (no sentido apontado por Trebels, 1992), revelando lacunas existentes na sua compreensão a fim de orientar as pesquisas neste campo, sem excluidências *a priori* nem o escamoteamento das suas diferenças.

Sobretudo, é preciso que neste diálogo se engajem todas as instituições e pessoas bem intencionadas da educação física/ciências do esporte, movidas por interesses emancipatórios. Sem nenhum preconceito às demais áreas do conhecimento que vêm se debruçando sobre esporte para pesquisá-lo sob os mais diferentes olhares, com as quais devemos interagir, paremos inevitável que se não assumirmos logo a cultura esportiva como objeto de estudo, muito em breve ficaremos reduzidos ao consumo do conhecimento produzido por estas outras áreas. Estaremos limitados a ouvi-los falar para nós (e por nós) sobre esporte! O que nos restará ?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A janela de vidro**. (Tese de Doutorado em Educação). Unicamp: Faculdade de Educação, 1997.
- BRACHT, Valter. Esporte, Estado, sociedade. *In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 10(2):69-73, jan., 1989.
- \_\_\_\_\_. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: Ufes, 1997.
- CAVALCANTI, Katia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: Ibrasa, 1984.

<sup>9</sup> Especificamente em relação ao futebol brasileiro, cabe sugerir consulta, entre outros, a Helal (1997).

- DaMATTA, Roberto *et al.* **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1983.
- HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MARCELLINO, Néson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.
- SIMSON, Vyv e ANDREW, Jennings. **Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas modernas**. São Paulo: Best Seller/Círculo do Livro, 1992.
- SILVA, Ana Márcia. O esporte: da luta pela igualdade à perda da identidade. *In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 16(1):31-5, out.1994.
- SOUZA, Ana Márcia. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Florianópolis, UFSC, Centro de Educação, 1991.
- TREBELS, Andreas. *Playdoyer* para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. *In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 13(3):338-44, maio,1992.
- VINNAI, Gerhard. **El fútbol como ideología**, México: Siglo Veintiuno, 1986.
-